



RELISE

**PRIMEIRAS IMPRESSÕES SOBRE A VILA DE RAPOSO: A ÁGUA  
MINERAL E O EMPREENDEDORISMO COMO FATORES ENDÓGENOS  
PARA A LONGEVIDADE DAS INDÚSTRIAS DE ENVASE E DO TURISMO<sup>1</sup>**

*FIRST IMPRESSIONS OF RAPOSO VILLAGE: MINERAL WATER AND  
ENTREPRENEURSHIP AS ENDOGENOUS FACTORS IN THE LONGEVITY  
OF BOTTLING AND TOURISM INDUSTRIES*

*Juan Carlos dos Santos Galante<sup>2</sup>*

*Rodrigo Anido Lira<sup>3</sup>*

**RESUMO**

Trata-se das primeiras impressões de uma pesquisa exploratória sobre a Vila de Raposo, uma das sedes distritais de Itaperuna/RJ, na Região Noroeste do território fluminense, em andamento no Programa de Pós-Graduação em Planejamento Regional e Gestão da Cidade da Universidade Candido Mendes. No sopé do Morro do Brito e da Serra do Gato Morto, possui uma economia baseada nas indústrias de transformação e do turismo: extração e envase de água mineral e tratamentos terapêuticos, confecção, compras, passeios e eventos. Metodologicamente são usadas ferramentas clássicas para a contextualização do estudo de caso: a observação e as entrevistas. Para complementar, traça-se o perfil da economia local sobrepondo-se o uso de levantamento histórico-bibliográfico, demonstrando que tal estrutura é um *locus* especializado de acumulação do capital há mais de cem anos com um duplo papel: um paradigma industrial-exportador e um polo turístico de atração em escala regional.

**Palavras-chave:** desenvolvimento, especialização, distrito, vila, lugar.

**ABSTRACT**

These are the first impressions of an exploratory research on Raposo Village, one of the district headquarters of Itaperuna/RJ, in the Northwest Region of the

---

<sup>1</sup> Recebido em 02/07/2025. Aprovado em 25/07/2025. DOI: [doi.org/10.5281/zenodo.21246224](https://doi.org/10.5281/zenodo.21246224)

<sup>2</sup> Universidade Candido Mendes. [juancarlosgalante@gmail.com](mailto:juancarlosgalante@gmail.com)

<sup>3</sup> Universidade Candido Mendes. [rodrigoanidolira@gmail.com](mailto:rodrigoanidolira@gmail.com)



RELISE

fluminense territory, in progress in the Post-graduation Program in Regional Planning and City Management at Candido Mendes University. At the foot of Brito Hill and Dead Cat Mountain Range, it has an economy based on the manufacturing and tourism industries: extraction and bottling of mineral water and therapeutic treatments, manufacturing, shopping, tours and events. Methodologically, classic tools are used to contextualize the chosen case study: observation and interviews. To complement this, the profile of the local is outlined overlapping the use of historical-bibliographical research, demonstrating that such a structure has been a specialized locus of capital accumulation for over a hundred years with a dual role: an industrial-export paradigm and a regional-scale tourist attraction pole.

**Keywords:** development, specialization, district, village, place.

## INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é o de mostrar que a água mineral e o empreendedorismo são os fatores endógenos preponderantes para a longevidade do complexo industrial turístico da Vila de Raposo, configurando-se como as primeiras impressões ao se observar o perfil econômico do lugar, qual seja, um paradigma industrial-exportador de água e, ao mesmo tempo, um polo turístico de atração em escala regional. Concomitantemente, apresentam-se: a sua geologia, a qual possibilitou as primeiras iniciativas empreendedoras no campo do engarrafamento d'água e o desenvolvimento do turismo; a sua elevação à categoria de sede distrital em 1990; o local enquanto classe escalar de análise; e a opinião de alguns segmentos sobre o lugar a respeito de seus elementos endógenos.

Apesar de muito visitada e consolidada há mais de um século, existe uma escassez na produção acadêmica sobre Raposo, de onde se deduz que “a história da localidade é pouco conhecida” (PIROZI et al, 2023, p.10), excluindo-se obviamente a memória afetiva e os arquivos fotográficos e documentais. Neste sentido, o presente artigo busca ampliar o acervo bibliográfico sobre a comunidade ao tratar dos aspectos endógenos do lugar.



RELISE

Os poucos trabalhos acadêmicos discutiram temáticas do turismo, da geologia, da possibilidade de ser um distrito marshalliano, o *e-commerce* e há um livro romanceado. São eles: um artigo publicado na Universidade do Porto sobre a relação da água com o turismo (CAETANO *et al.*, 2022, p.165-78); o artigo geológico, apresentado num Congresso de Águas subterrâneas em Cuiabá, que retrata a configuração hidrogeoquímica do *gnaisse* Raposo (MONSORES *et al.*, 2004, p.2); Altina Oliveira e Alcimar Ribeiro (LAJBM, 2013, p.2-17), chegaram à conclusão de que não se pode caracterizá-lo como um distrito marshalliano em relação ao artesanato/confecção; um outro (MARZORQUE *et al.*, 2023), que aborda o *e-commerce* na fabricação de vestuário; e um livro, “Águas de Raposo: antes e depois de Martinez”, de Sylvio Primo, que apesar de ser “uma abordagem memorialística romanceada, na qual o autor utiliza as suas próprias memórias – como visitante da localidade – assim como as memórias de diversos moradores da região” (PIROZI *et al.*, 2023, p.10), é um dos acervos que trabalha o empreendedorismo no lugar. Estas foram as obras mais interessantes encontradas, após pesquisas nos *sites* de busca *Google Scholar* e no Repositório Científico de Acesso Aberto de Portugal (RCAAP).

Desta maneira, ao escrever sobre a representatividade de Raposo, nessas primeiras impressões, busca-se além de ser um acervo a mais, caracterizá-lo como um subespaço com uma atribuição muito nítida no processo de acumulação de capital em nível local, municipal e regional, qual seja, a de ser um produtor de bens de consumo. Em sua estrutura, um polo industrial-turístico, promissor economicamente há mais de um século e muito agradável do ponto de vista daqueles que o frequentam, conforme relatos dos turistas em algumas entrevistas feitas *in loco*. Uma estrutura possível a partir da existência de aquíferos que possibilitaram as primeiras iniciativas empreendedoras: no envase d’água e no seu aproveitamento turístico.



RELISE

## METODOLOGIA

Para a consecução deste artigo, optou-se pelo estudo de caso na contextualização da temática desenvolvida, para compreensão do subespaço distrital por intermédio da observação e de entrevistas junto aos atores envolvidos. Uma observação do tipo espontânea, em várias visitas realizadas e com um olhar voltado para os artefatos físicos da comunidade (GIL, 2007, p.141). Outrossim, ouvindo-se os agentes locais e externos, para compreender, por exemplo, de que maneira as indústrias de bebidas e do turismo perpetuam-se por mais de cem anos. Por que essas estratégias funcionaram? Foram iniciativas empreendedoras ou houve política pública de intervenção? Como seria Raposo sem essas atividades econômicas? São questionamentos dispostos à percepção das pessoas que vivenciam e frequentam a vila.

Desta forma, o estudo de caso foi a estratégia de pesquisa escolhida pois busca descobrir os determinantes e condicionantes desse desenvolvimento econômico de longo prazo, que permanece na contemporaneidade, inclusive com novas iniciativas empreendedoras de investimentos em novas engarrafadoras e unidades hoteleiras neste primeiro quarto do século XXI. Destarte, ouvir a comunidade, permanente e flutuante, subdivididos em grupos previamente delineados: uma hoteleira, uma gerente de hotel, um artesão de peças de madeira, dois trabalhadores de fontes termais, dois comerciantes, dez turistas escolhidos aleatoriamente, uma guia turística e dois funcionários de restaurante de um hotel, totalizando vinte entrevistas realizadas, *in loco*, em fins de 2024 e primeiro semestre de 2025. Todos eles com a ressalva do anonimato. As entrevistas foram do tipo focalizada, “quando, embora livre, enfoca tema bem específico, cabendo ao entrevistador esforçar-se para que o entrevistado retorne ao assunto após alguma digressão” (*Ibid.*, p.117), ou seja, uma conversa



RELISE

direcionada para percepção acerca da importância da água mineral e do empreendedorismo para a Vila de Raposo.

Entretanto, como observa Robert Yin (2001), nada impede que o estudo de caso seja mesclado com outros tipos de pesquisa complementares. Desta maneira, levantamento histórico-bibliográfico foi feito para corroborar com evidências no que tange: ao *gnaisse* geológico, à criação do distrito, a escala geográfica e a estrutura industrial-turística.

Cabe realçar, uma triangulação metodológica com a intenção de sustentação da hipótese de que são a água enquanto *staple product* e o empreendedorismo, os fatores endógenos observados como responsáveis por todo esse já longo desenvolvimento econômico, e se isso é corroborado com as percepções dos entrevistados. Fato é que a trajetória histórica dá suporte a essa performance, inclusive ao uso do termo longo prazo do crescimento econômico, dada a longevidade da indústria de água mineral e de algumas unidades hoteleiras.

## **O PERFIL ECONÔMICO ESPECIALIZADO DE RAPOSO: UM PARADIGMA INDUSTRIAL-EXPORTADOR DE ÁGUA E POLO TURÍSTICO**

A sede distrital de Raposo, Município de Itaperuna/RJ, cuja malha urbana estende-se desde o Morro do Brito até a Serra do Gato Morto, está na contramão da tendência de esvaziamento econômico das vilas e outros pequenos centros, uma característica da rede urbana brasileira (ANDRADE, SERRA, 2001, p.130). Muito ao contrário, ela é uma exceção à regra, pois que atua em duas vertentes: é um polo turístico, concentrando os seus fluxos de visitantes nos finais de semana prolongados entre às quintas-feiras e os domingos, quando recebe excursões de diversas partes da Região Sudeste e veículos com pessoas que preferem viajar com suas próprias famílias ou em grupos de amigos e parentes; e, por estar localizada numa zona geológica de



RELISE

grande atividade aquífera, há mais de cem anos abrigando empresas que extraem e envasam a água mineral.

Com o intuito de ampliar a abordagem é preciso desde logo esclarecer que sendo o subespaço uma porção do todo, que não se deve de maneira alguma considerá-lo autossuficiente. Ele não sobreviveria isolado e não possui as explicações para os seus estágios de desenvolvimento esgotados em si, mas tanto internamente como parcialmente fora dele. Assim, nele descortinam-se ligações profundas com o processo de acumulação de capital em nível mundial, regional e local, constituindo-se em parte integrante da estrutura capitalista, pois ainda que “tenha como uma das suas principais características a exaltação das qualidades locais, é fundamental que ele respeite a integração existente entre o contexto regional, nacional e até mesmo internacional” (KLEINMAYER, NEVES, 2010, p.20).

Neste sentido, o mercado consumidor externo é fundamental para o case da Vila de Raposo, tanto para as envasadoras de água mineral como para o afluxo de turistas, mas ao mesmo tempo, denotar que as variáveis endógenas também são muito importantes para a sua compreensão, configuradas numa articulação entre o local e o regional, cuja forma espacial foi modificada para atender aos anseios do mercado. Nos dizeres de Milton Santos (2001, p.48):

Durante praticamente três séculos e meio, o território brasileiro conheceu uma utilização fundada na exploração dos seus recursos naturais pelo trabalho direto e concreto do homem, mais do que pela incorporação de capital à natureza que, durante esse tempo, teve um papel relevante na seleção das produções e dos homens. Nos cem anos, que vão da metade do século XIX à metade do século XX, algumas áreas conhecem a implantação de um meio técnico, meio mecanizado, que altera a definição do espaço e modifica as condições do seu uso.

Donde se inclui Raposo, onde a técnica permitiu o envase da água e cujos fatores imbricam-se e são mutuamente interdependentes do ponto de vista econômico, ou seja, a paisagem modificada para atendimento da funcionalização técnico-produtiva voltada para a produção de bens de consumo.



RELISE

Raposo, com um potencial já comparado às águas de Vichy na França, pode ser caracterizada como estância hidromineral, a única do território do Estado do Rio de Janeiro. O interesse por sua malha hidrográfica, aliás ponto crucial para às primeiras iniciativas empreendedoras, “deve-se à ocorrência de águas minerais com grande variação hidroquímica, destacando-se águas carbogasosas, ferruginosas, sulfurosas e levíssima” (MONSOIRES et al, 2004, p.2).

Concomitantemente à extração e envase da água, viu crescer as suas potencialidades, com investimentos em hotelaria, cujos leitos atenderam num primeiro momento ao turismo de saúde e, posteriormente, ao turismo de lazer, compras, eco-rural e religioso. Foi aos poucos ganhando a simpatia de seus frequentadores, especialmente: fluminenses, cariocas, capixabas e mineiros.

São quatro unidades fabris de engarrafamento: a mais antiga operando desde 1911. Duas delas com parques: o Fontanário Raposo e o Parque das Águas Soledade. A Vila conta com mais de uma dezena de hotéis, alguns com forró, pousadas, várias lojas, restaurantes, bares e uma feira nos finais de semana com produtos agropecuários, de vestuário, cama, mesa, banho e artesanato. Conta também com: um “trenzinho”, passeios a cavalo, charretes e trilhas para *trekking*. Além disso, é palco de dois encontros tradicionais: a Festa do Carro de Boi, no último domingo de maio, de cunho religioso, e o Passeio de Veículos Antigos, que acontece em junho.

Mas vale ressaltar, que com esse perfil industrial-turístico, dependente da natureza, é indispensável que a região seja sustentavelmente protegida de agressões ambientais, como aliás já fazem as firmas de engarrafamento na proteção da Mata Atlântica e o Poder Público em Itaperuna ao definir a APA de Raposo e mais duas áreas como de refúgio da vida silvestre: Monte Alegre e Serra Escuro. Todavia, é necessário ampliar esse olhar sobre a sustentabilidade



RELISE

econômico-ambiental, tornando-a uma das prioridades do planejamento municipal direcionado para o lugar.

### *Desenvolvimento econômico especializado*

No caso de Raposo, os fatores internos corroboram decididamente para a explicação de seu desenvolvimento econômico e de sua estrutura econômica especializada, ou seja, as especificidades do subespaço local e suas características no tocante ao que produzem as indústrias, obviamente que dependentes a sua realização de um mercado externo.

A estrutura econômica da Vila é especializada na produção de bens de consumo: indústrias de bebidas não alcoólicas, confecção e turismo. No *case*, atrelada e somente possível graças à existência de um *gnaisse* geológico cujas águas são mineralizadas naturalmente. Este é, sem dúvida, o fator endógeno determinante para ser especializada e consolidada, assim considerada a partir da existência de um *staple product* que contribuiu para o surgimento da estrutura produtiva local, que atende a demanda externa. Da qual desencadeia-se a história do lugar e das vidas das pessoas há mais de um século.

Cabendo realçar que as investidas empreendedoras foram fundamentais desde o início do século XX, e que se perpetuam neste primeiro quarto de século XXI em novas unidades e inovações. Tudo indica, com longa expectativa a depender da vida útil da reserva de água mineral e da preservação ambiental, *ipsi litteris*, inerentes às iniciativas públicas e privadas atreladas a uma perspectiva de sustentabilidade econômica e ambiental em busca da perenidade do complexo industrial-turístico do lugar.



RELISE

## **A ESCALA ESPACIAL COMO SEDE DISTRITAL: COM ESTRUTURA ECONÔMICA CONSOLIDADA, MAS SEM O PODER DE UM TERRITÓRIO**

O distrito, no território brasileiro, é uma subdivisão administrativa de um município, o qual pode ter um ou mais<sup>4</sup>. Tais unidades possuem sede própria, as quais são chamadas de vilas, algumas delas com estrutura econômica e serviços públicos bem determinados, como é o caso de Raposo, e somente a sede municipal é considerada uma cidade. Cada uma dessas unidades submunicipais com: história e identidades próprias, manifestações e eventos culturais e religiosos típicos de suas comunidades sendo fundamentais para a organização espacial e administrativa dos territórios subestaduais.

Destarte, verificar a questão do poder político, ou no caso de Raposo, na ausência dele, por não possuir autonomia, é uma questão basilar em termos de escala, pois como muito bem observa Manuel Correia de Andrade de que há vários discursos espalhados pelo país que afirmam que “a administração municipal beneficia distritos-sedes em detrimento dos demais [...] as vilas, sedes de distritos, ficariam prejudicadas frente às cidades, sedes de municípios” (1994, p.219).

O Distrito de Raposo, com 106,27 Km<sup>2</sup>, foi criado pela Lei Estadual n° 1650-A, de 24 de maio de 1990, num desmembramento da área distrital de Comendador Venâncio. Acontece que, aparentemente, percebe-se que o Estado do Rio de Janeiro e a Prefeitura Municipal de Itaperuna (PMI) ofertam a educação básica, um posto de saúde, a organização dos eventos turísticos, “asfaltamento” de vias públicas e o policiamento, e o Governo do Brasil entra com a assistência via programas como o Bolsa Família.

Mas, neste ínterim, cabe realçar que o distrito não é um território emancipado em sua concepção mais tradicional, qual seja a de ser um “espaço

---

<sup>4</sup> Distritos do Município de Itaperuna: Boa Ventura, Comendador Venâncio, Itajara, Itaperuna (Sede municipal), Nossa Senhora da Penha, Raposo e Retiro do Muriaé.



RELISE

sobre o qual o Estado exerce sua soberania” (DALLABRIDA, 2016, p.19), com regras e leis que determinam a organização política de uma dada divisão político-administrativa. Neste sentido, a Vila e o Distrito de Raposo obedecem à Lei Orgânica do Município de Itaperuna, este sim podendo ser considerado um território, um subespaço com “disputas de poder dos atores que compõem o cenário político do contexto” (DIAS, CALAÇA, 2024, p.67), ou seja,

uma porção do espaço geográfico que coincide com a extensão espacial da jurisdição de um governo. Ele é o recipiente físico e o suporte do corpo político organizado sob uma estrutura de governo. Descreve a arena espacial do sistema político desenvolvido em um Estado nacional ou uma parte deste que é dotada de certa autonomia (GOTTMANN, 2012, p.523, *apud* DIAS, CALAÇA, 2024, p.67).

Desta forma, referindo-se ao Município de Itaperuna, cuja “gestão é realizada por diferentes atores, entre eles o prefeito e seus vereadores, que denotam a estrutura de governo” (DIAS, CALAÇA, 2024, p.67).

Assim, com essa concepção, não se utilizará a unidade distrital, subdivisão administrativa de um ente municipal, ou a sede do Distrito de Raposo, como se territórios fossem, ainda que na contemporaneidade esse conceito venha se ampliando no sentido de considerá-lo “como um recorte do espaço geográfico relacionado ao uso e apropriação, lugar de expressão de relações de poder, identidades e territorialidades individuais ou grupais” (DALLABRIDA, 2016, p.20). Todavia, ainda que se aprecie essa nova forma de se pensar o território, que em muito aproxima-se do conceito de territorialidades, opta-se por se permanecer com a concepção mais conservadora e conceitual da categoria geográfica de análise.

Destarte, para o subespaço distrital atingir tal categoria, seria necessária uma fragmentação do território itaperunense com Raposo e Comendador Venâncio constituindo-se novamente num só, desta feita uma nova unidade municipal, o que depende obviamente “dos interesses dos grupos, movimentos,



RELISE

empresas, sindicatos, entre outros, que possuem força na participação das decisões do conjunto de relações que constituem o território” (*Ibid.*, p.68).

### *Raposo: um lugar, um local*

De acordo com as escalas geográficas, Raposo enquadra-se neste artigo muito mais como um local do que como um território em sua concepção mais conservadora pela falta de poder. Outrossim como um lugar, pela melhor adequação geográfica ao uso do termo, “um espaço percebido e vivido, dotado de significado e com base no qual desenvolvem-se e extraem-se os sentidos de lugar e as imagens de lugar” (SOUZA, 2013, p.114). Assim como também, “dos não-encontros, das desconexões, das relações não estabelecidas, das exclusões”, como acentua Massey (2008, p.190). Quanto ao local, por constituir-se além de ser um *place*, numa “localidade qualquer, a uma área qualquer determinada ou indeterminada ou, mesmo, a um espaço qualquer” (SOUZA, 2013, p.111), nos quais nesses *locales*, “interações e relações quotidianas são constituídas” (OSLENDER, 2004, p.961-62, *apud* SOUZA, 2013, p.113).

Neste caso, muito mais próximo ao conceito de Vila, do que ao conceito conservador de território. Portanto, “não é a dimensão do poder que está em primeiro plano ou que é aquela mais imediatamente perceptível, diferentemente do que se passa com o conceito de território, mas sim a dimensão cultural-simbólica” (SOUZA, 2013, p.115)<sup>5</sup>. Vejamos então esse lugar.

## **A VILA DE RAPOSO: A MALHA HIDROGRÁFICA E O DINAMISMO ECONÔMICO DO LUGAR**

Parafraseando Doreen Massey (2008, p.191-2), ao descrever *Lake District* e a cidade de *Keswick* no noroeste da Inglaterra, Raposo no noroeste do

---

<sup>5</sup> “Aquilo que TUAN (1980) chamou de topofilia” (*Ibid.*, p.115).



RELISE

Estado do Rio de Janeiro, com uma paisagem entre morros e morrotes, é um lugar de

diferentes estórias sociais com diferentes alcances espaciais e distintas temporalidades. Antigos fazendeiros, as casas de campo [...] dos aristocratas que chegaram nos séculos XIX e XX, *frequentadores* e o romantismo, minerações antigas, proprietários de *cottages* de classe média e *operária* [...] comércio turístico *local*, um foco no discurso do sublime... Mas, *no seu entorno, estão a Serra do Gato Morto e o Morro do Brito, com 766 metros de altura* [...] Era impossível não considerar *suas relações* com esse lugar. Através de toda aquela história que, parecia, *eles* tinham presidido (*Grifos* indicativos de adaptação)<sup>6</sup>.

Raposo possui uma malha hidrográfica na “cabeceira do Córrego do Açude, denominada como Bacia Superior do Córrego do Açude” (MONSORES *et al*, 2004, p.2), que segue em direção ao Córrego do Raposo. Dali corre em direção ao Ribeirão São Vicente convergindo até o Rio Muriaé. Nesta área, “as rochas afloram predominantemente nas escarpas do Morro do Brito, e no trecho a jusante da bacia, no Córrego do Açude” (*Ibid.*, 2004, p.5)<sup>7</sup>. Esta “morfologia, associada com as litologias e solos são determinantes nas condições de fluxo e caráter hidroquímico das águas da bacia” (*Ibid.*, p.18).

Dentre as formas de utilização desses reservatórios, descobriu-se o potencial terapêutico-curativo dessas águas minerais, bem como o seu engarrafamento, ambos há mais de um século. São águas: Ferruginosas/Sulfurosas captadas a 60 metros, em cujas amostras analisadas são encontrados elementos químicos como o Ferro, Cálcio, Potássio, Magnésio,

---

<sup>6</sup> Texto original: “diferentes estórias sociais com diferentes alcances espaciais e distintas temporalidades. Antigos fazendeiros, as casas de campo de pedra cinzenta dos aristocratas que chegaram nos séculos XVIII e XIX, poetas e o romantismo, minerações antigas, proprietários de *cottages* de classe média, ruínas romanas, comércio turístico internacional, um foco no discurso do sublime... Mas, logo saindo da cidade, surge Skiddaw, um bloco maciço de montanhas com quase 1000 metros de altura, cinzento e pedregoso, não bonito, mas impressionante, imóvel, fora do tempo. Era impossível não considerar sua relação com esse lugar. Através de toda aquela história que, parecia, ele tinha presidido” (MASSEY, 2008, p.191-2).

<sup>7</sup> “O pico do Morro do Brito, com 766 metros, é o ponto mais elevado de Raposo” (MONSORES *et al*, 2004, p.8), cuja área construída da Vila varia entre 180 e 200 metros entre os sopés do Brito até a Serra do Gato Morto, esta com altitude máxima de 429 metros.



RELISE

Sódio e Sulfato, dentre outros, com cada poço preservando a sua característica particular (*Ibid.*, 2004, p.13); Levíssimas a 42 metros, com teor fluoretado; e Carbogasosas a 10 metros, cuja presença de CO<sub>2</sub> dissolvido, provavelmente seja oriundo “de reações envolvendo as formações superficiais e argilas ricas em matéria orgânica, com a água proveniente das chuvas, que recarrega este sistema aquífero” (*Ibid.*, p.10). São dois:

O primeiro, poroso, ocorre localmente, associado a sedimentos aluvionares, com predominância de argilas com lentes arenosas. O segundo, aquífero fraturado, ocorre em toda a região, associado a rochas gnáissicas, granulíticas e graníticas (*Ibid.*, p.3).

O sistema é retroalimentado pela alta pluviosidade da Região Noroeste fluminense, que observa índices anuais variando entre 1.100 e 1.350 mm anuais. Para Nimer (1989, *apud* MONSORES *et al*, 2004, p.9), “no Rio de Janeiro, as terras entre 150 e 700 metros estão no domínio climático subquente, semi-úmido, com pelo menos quatro a cinco meses de seca, incluindo a região de Raposo”, a qual possui uma média de 1.300 mm anuais (BRANDÃO *et al*, 2000, *apud* MONSORES *et al*, 2004, p.9). Isto é possível, dadas as condições climáticas do território, que possui clima tropical do tipo “Aw de acordo com a Koppen e Geiger” (<https://pt.climate-data.org/america-do-sul/brasil/rio-de-janeiro/itaperuna-4041/>), com seca no inverno, quando ocorrem temperaturas amenas, e o restante do ano com um bom desempenho pluviométrico, e temperatura elevada, porém amenizadas em Raposo por causa da altitude, ao contrário da Sede do Município a 112 metros, extremamente quente.

Isto permitiu, desde os primórdios do século XX, os empreendimentos de engarrafamento da água mineral. São quatro firmas de envase: a pioneira foi a Água Mineral Raposo em 1911; seguida alguns anos mais tarde pela Água Soledade (1935); hoje com o parque fabril ampliado com as chegadas da L'Áqua



RELISE

(2001) e da Divina (2009)<sup>8</sup>. Estas empresas possuem similaridades ao fabricarem seus produtos, por estarem localizadas no entorno do Morro do Brito, que abriga o *gnaisse*, e por possuírem logísticas símile. O mesmo pode-se dizer em relação às firmas hoteleiras, lojas comerciais, restaurantes e outros aparatos turísticos. Estas semelhanças também existem quanto ao destino de suas vendas marcadamente feitas para o mercado nacional, muito particularmente para a Região Sudeste.

Assim, olhando para os arranjos produtivos da indústria de transformação e turística no subespaço distrital, percebe-se que as firmas produzem mercadorias e serviços que se apoiam na existência do recurso água mineral, configurando-se numa estrutura econômica endógena, especializada e consolidada, ou seja, com uma funcionalidade bastante explícita enquanto um núcleo produtivo especializado no processo de reprodução ampliada do capital no âmbito regional do noroeste fluminense.

Outrora com fazendas produtoras de café, a Vila de Raposo transformou-se pós crise de 1929 num polo industrial-turístico a partir de iniciativas empreendedoras desde a primeira metade do século XX aproveitando-se do recurso natural nos fraturamentos internos do Morro do Brito.

#### *A percepção dos entrevistados*

A partir desses elementos endógenos é que a Vila acumulou uma memória coletiva, bastante seletiva, de carinho e valorização da paisagem e das águas, das festas e das histórias do lugar, como afirma a Gerente do Hotel Águas Claras, que “até casos de Hanseníase são relatados, como o tratamento de 21 dias feito no Hotel Raposo, que salvou um senhor”. Hoje, como diz a proprietária de um dos doze hotéis, o Águas Claras, “a área da saúde evoluiu muito, com

---

<sup>8</sup> Embora sediadas no Distrito de Comendador Venâncio, essas duas últimas firmas estão no limite distrital usufruindo da capacidade aquífera do local e afetiva do lugar.



RELISE

potentes fármacos e cirurgias muito mais eficazes do que a cura pela água, mas Raposo segue ainda com essa fama, mas soube diversificar com vários atrativos turísticos”<sup>9</sup>. Ou para dois empregados de uma fonte termal, Fontanário Soledade, para os quais as pessoas se encantam com as propriedades das águas e também com a tranquilidade do lugar. Para os comerciantes e um artesão, além das águas, os frequentadores apreciam: as lojas, a feira e os passeios a cavalo e de trenzinho ou em caminhadas ao ar livre. Já os turistas e uma guia confirmam as respostas dos empresários e trabalhadores de que Raposo é um lugar bastante peculiar e agradável. Todos eles convencidos de que a água e as iniciativas dos primeiros empreendedores são os motivos locais para o desenvolvimento econômico de Raposo desde há tanto tempo.

Além disso, vale ressaltar as falas de dois empregados em restaurante de um dos hotéis, que sempre trabalharam nesse ramo de atividade, de que Raposo só alcançou notoriedade por causa de suas águas e, posteriormente, por suas opções de atrativos turísticos, mas que continuaria sendo uma fazenda se não fossem as primeiras iniciativas para a industrialização da água e dos primeiros hotéis.

Enfim, tudo graças a essas iniciativas empreendedoras que enxergaram a água como um fator endógeno de desenvolvimento e sem nenhuma intervenção planejada das esferas governamentais. Investimentos que hoje se perpetuam com a entrada em operação de novas unidades fabris e recentes hotéis e estabelecimentos comerciais nesta primeira metade do século XXI.

## COMENTÁRIOS FINAIS

A partir da observação, de um conjunto de entrevistas e de evidências histórico-bibliográficas, num período compreendido entre 2024 e início de 2025, pode-se retratar o subespaço local da Vila de Raposo como um apêndice do

---

<sup>9</sup> Entrevistas concedidas no Hotel Águas Claras na estadia em 30/11/2024.



RELISE

processo de acumulação de capital em nível regional, haja vista a estrutura produtiva industrial-turística ali instalada e que em muito contribuiu para a geração de renda e emprego para o lugar e seu entorno.

Cabe ressaltar, que o uso das técnicas do estudo de caso e o levantamento bibliográfico corroboraram para contextualizar a malha hidrográfica e a iniciativa empreendedora como os elementos endógenos fundamentais para o crescimento econômico e a longevidade da estrutura econômica do lugar.

Todavia, apesar do crescimento econômico, dada a longevidade do seu parque industrial-turístico, necessário se faz despertar os gestores de políticas públicas para um planejamento regional, que compreenda para além da lógica de acumulação, a qual anexou o lugar como *locus* importante desse processo e, a partir desse contexto, programar o desenvolvimento aproveitando-se dos efeitos motrizes que esse subespaço ainda pode oportunizar em termos de futuros empreendimentos.

Finalmente, lembrando ser de suma importância a continuidade da proteção ambiental da Mata Atlântica como já fazem as envasadoras, crucial para a sustentabilidade ambiental e perpetuação do paradigma de desenvolvimento econômico do lugar.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Manuel Correia de. Os limites do poder nacional e do poder local. In: **\_\_\_ Território, globalização e fragmentação**. São Paulo: Hucitec, 1994, Parte III, p.213-20.

ANDRADE, Thompson Almeida; SERRA, Rodrigo Valente. O desempenho das cidades médias no crescimento populacional brasileiro no período 1970/2000. In: **Cidades médias brasileiras**. Rio de Janeiro: IPEA, 2001, p.129-69.

CAETANO, Lucio Carramillo et al. Águas minerais de Raposo, Itaperuna, Rio de Janeiro, Brasil. Porto, Faculdade de Letras do Porto, 2022, p.165-78.



RELISE

CLIMA ITAPERUNA (BRASIL). Capturado em: <https://pt.climate-data.org/america-do-sul/brasil/rio-de-janeiro/itaperuna-4041/>. Acessado em 04 de junho de 2025.

DALLABRIDA, Valdir Roque. **Território, governança e desenvolvimento territorial**: indicativos teórico-metodológicos, tendo a indicação geográfica como referência. São Paulo: LiverArts, 2016.

DIAS, Wagner Alceu; CALAÇA, Manoel. **Município**: a escala da (des)ordem. Curitiba: CRV, 2024.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2007.

KLEINMAYER, Luiz Augusto M.; NEVES, Lafaiete S. Fatores limitantes da participação no processo de desenvolvimento local. In: **Estado, organizações e desenvolvimento local**: um olhar interdisciplinar. Curitiba: CRV, 2010, p.15-31.

LEI ESTADUAL N° 1650-A, Estado do Rio de Janeiro, de 24 de maio de 1990

MARZORQUE, Melissa Carvalho et al. E-commerce no Distrito de Raposo – Itaperuna, RJ: uma investigação sobre sua utilização no setor de confecções. **Revista Transformar**, Itaperuna, UNIFSJ, 17 (1), jan.jul.2023.

MASSEY, Doreen. **Pelo espaço**: uma nova política da espacialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MONSORES, André Luiz Mussel et al. Estudos hidrogeoquímicos em aquíferos fraturados no Noroeste fluminense: Bacia Superior do Córrego do Açude – Distrito de Raposo – Município de Itaperuna. **Revista Águas Subterrâneas**, Cuiabá, Anais XIII Congresso Brasileiro de Águas Subterrâneas, 2004, p.2).

OLIVEIRA, Altina Silva; RIBEIRO, Alcimar Chagas. Análise da percepção de cooperação dos produtores da Associação de Artesanato e Confecção de Raposo-RJ baseada em fundamentos neo-marshallianos. **Latin American Journal of Business Management – LAJBM**, Taubaté/SP, v.4, n.2, p.2-17, jul.dez.2013.

PIROZI, Anízio Antonio et al. Águas de Raposo – antes e depois de Martinez: análise de uma obra memorialística e da construção de uma memória coletiva. **Revista Transformar**, Itaperuna, UNIFSJ, 2023-2.



RELISE

235

SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira**. São Paulo: Edusp, 2013.

SOUZA, Marcelo Lopes. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**. Rio de Janeiro: Bertrand-Brasil, 2013.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. Porto Alegre: Bookman, 2001.